

9. Ser “aluno” ou ser “professor”: dois possíveis papéis do reformado activo

Uma das questões formuladas no inquérito por questionário aos formandos dizia respeito às razões que os teriam conduzido à frequência da Universidade. De entre as diferentes opções que foram apresentadas, as que obtiveram uma maior adesão foram: “porque gosta de aprender algo de novo”, com 86,5 %. Uma outra razão também muito apontada foi que frequentava a Universidade para “evitar o envelhecimento intelectual”, com 79,7% de inquiridos a indicá-la. Uma percentagem elevada de “associados” (73,3%) também indicou como uma das razões para ter escolhido esta instituição o facto de pretender “estar actualizado”, e 63,5% dos inquiridos indicou o objectivo de conviver “com pessoas do mesmo nível social” como um motivo para estar nesta Universidade. Razões que se prendem com motivos de saúde como, por exemplo, uma depressão e simultaneamente a necessidade de conviver, também foram assinaladas, embora com uma percentagem mais reduzida que as anteriores – 29,7 % dos formandos inquiridos.

Articulando com a análise de Lenoir (1979) e de Phillipson (2000), que apresentámos no capítulo II, estas razões, principalmente o desejo de conviver, poderão ser interpretadas como sendo possíveis indicadores da necessidade que a classe média reformada tem de frequentar estas instituições pelo facto de viverem a reforma como um corte, visto que durante a sua vida activa sacrificaram as suas relações sociais investindo no trabalho e, portanto, possuem um capital social reduzido. Como Lenoir afirmou, as Universidades da Terceira Idade, ou instituições similares, representam para a classe média um meio de estabelecer novos contactos e de conviver (Lenoir, 1979, cf. capítulo II).

Para além destes dados recolhidos através do inquérito por questionário, há outros dados, como os obtidos por conversas informais, que contribuem para elucidar e

ilustrar este aspecto, traduzindo o modo conforme alguns formandos sentiram a reforma, como uma ruptura, e como a frequência da Universidade da Cultura e do Lazer concorreu para que voltassem a sentir-se realizados novamente, segundo podemos verificados nos seguintes registos do Diário de Campo:

“Saí com a professora *Sofia*, da alfabetização, que tinha finalizado esta actividade, e comentei que o ambiente da Universidade da Cultura e do Lazer parecia-me muito agradável. Ela referiu que «aquele tipo de casas» faziam falta, porque as «professoras primárias aposentadas», como ela, quando trabalhavam também conviviam na escola, mas com a reforma vão para casa e não têm com quem falar e necessitam de conviver. Aqui, na Universidade, têm um espaço para conviver” (Diário de Campo de 8/5/2001).

“Quando me sentei numa mesa do bar, uma associada, que também dá «aulas» de alfabetização, meteu conversa comigo. Contou-me que aqui na Universidade encontrou muita gente conhecida. Perguntei-lhe se tinha vindo para cá por causa dos conhecidos ou de família. Respondeu-me que não, mas porque «Aqui distraio-me, falo e passo o tempo. Se estivesse em casa deprimia-me. E isso aconteceu-me, fiquei com uma grande depressão. Preciso de vir para aqui, assim sou obrigada a sair de casa». Referiu igualmente que não vivia só: «Vivo com duas filhas, mas durante o dia estou só em casa porque elas trabalham»” (Diário de Campo, 6/6/2001).

A análise das expectativas que os formandos tinham sobre a Universidade da Cultura e do Lazer evidencia que muitos deles (35 associados - 47,3%) desejavam encontrar nesta Universidade “um espaço de convívio”. Portanto, a sociabilidade era algo que muitos deles disseram ter desejado encontrar nesta instituição, aspecto que se articula com as análises anteriores. Para além do desejo de encontrar um local para conviver, manifestaram ser sua expectativa encontrar um espaço onde pudessem simultaneamente estudar. Mas esta aspiração, aparentemente homogénea, esconde uma diferença quanto ao local onde estudar. Assim, 12 associados (16,2%) esperavam que a UTI fosse uma “Universidade onde pudessem estudar e um espaço de convívio” e para 9 associados (12,2%) esperavam que não se tratasse de uma UNIVERSIDADE mas de “uma escola especial para adultos e um espaço para convívio”. Também o desejo de

encontrar uma escola tradicional e de encontrar uma Universidade tradicional onde pudessem estudar foi expresso por 4 associados (5,4%), respectivamente.

Os contributos que a frequência da Universidade da Cultura e do Lazer pode trazer à vida dos associados são também um dos aspectos importantes a ter em conta nesta análise. Assim, as respostas à pergunta “Se a sua vida melhorou a partir da frequência nesta Universidade?” podem ser um indicador da importância que dão à sua convivência nesta instituição. Constatamos que 62 associados responderam afirmativamente e só quatro inquiridos consideraram que não houve qualquer alteração na sua vida após a entrada na Universidade da Cultura e do Lazer. As justificações mais apontadas para terem considerado que a sua vida tinha melhorado com a entrada na UTI foram “porque aprendemos novos conhecimentos e recordamos os antigos” (15 inquiridos) e “porque convivemos e fazemos novas amizades” (14 inquiridos). Outros aspectos que alguns associados mencionaram como sendo mudanças positivas na sua vida a partir da vinda para a UTI foram: “porque passei a ter uma actividade” (7 associados), “porque obriga a sair de casa” (4 inquiridos), e “porque ajuda a ultrapassar a solidão” (1 associado).

Os quatro associados que mencionaram que não se registou nenhuma alteração na sua vida pelo facto de terem passado a frequentar a UTI, referiram que isso deveu-se ao facto “que sempre conviveram” e que “sempre tiveram uma vida preenchida”.

Portanto, o convívio e a aprendizagem de assuntos novos continuam a ser centrais para alguns dos associados, neste caso traduzindo aspectos positivos que se registaram na sua vida com a frequência da Universidade da Cultura e do Lazer.

Uma outra pergunta do inquirido por questionário: “Gostaria de alterar algum aspecto do funcionamento da Universidade?” poderá permitir obter respostas que conduzam a uma possível confirmação das expectativas em relação à Universidade.

Assim, da análise das respostas verificamos que os aspectos passíveis de serem alterados dizem respeito não aos objectivos, ao funcionamento, ou à relação entre as pessoas, que poderiam indiciar algum desfasamento e/ou descontentamento entre as expectativas de estudar e conviver na Universidade e a realidade, mas antes referiam-se a aspectos físicos, concretamente às instalações e a outras situações como os horários e o material para as actividades culturais, o que não parece indiciar alguma decepção face ao que encontraram. Portanto, as expectativas de convívio e estudo para esta Universidade parecem ser concretizadas. De relembrar e enfatizar que estas duas dimensões, convívio e estudo, podemos articulá-las e integrá-las nas teorias que fundamentaram a política de manutenção do idoso no domicílio, assim como muitas das actividades educativas para adultos idosos, como já abordámos no Capítulo III. Ou seja, a teoria dos papéis e a teoria da actividade consideram que os idosos, para retardarem o envelhecimento, devem ter uma actividade quer física quer mental e devem ainda desempenhar outros papéis sociais, que possibilitem o convívio e a integração social, evitando a marginalização, o isolamento, a degradação física e mental, e, deste modo, conseguir retardar o seu internamento. Assim, ser “aluno/associado” é um modo de vida, uma opção consciente de alguns reformados que têm como objectivo “aprender algo de novo” e “conviver”, evitando assim o envelhecimento, o isolamento, através do desempenho de papéis activos e úteis à sociedade, resultando também numa valorização da sua pessoa.

No entanto importa ressaltar que os alfabetizados não demonstraram ter como objectivos “evitar o envelhecimento”, ou a “necessidade de convívio”. O seu objectivo principal não é evitar o envelhecimento através da actividade mental, mas o seu objectivo primeiro e único, ao entrar para a Universidade, foi “aprender a ler e a escrever”.

Para além dos dados do inquérito que nos facultam essa informação de que os alfabetizandos vieram para a UTI para “aprender a ler e a escrever” e esperaram encontrar nesta UTI uma “escola tradicional”, diferentes registos no Diário de Campo de conversas informais com alguns dos alfabetizandos também reforçam estas expectativas e objectivos face à Universidade da Cultura e do Lazer, assim como fornecem um pouco da sua história de vida.

Deste modo, apresentamos os seguintes excertos do Diário de Campo, correspondendo à conversa estabelecida com alguns dos alfabetizandos:

“A D. *Narcisa* relatou que não teve muitas condições para frequentar a escola em pequena porque teve que trabalhar em casa: “Éramos muitos irmãos e tinha que ajudar a minha mãe. Faltava muito à escola, não aprendi muito. Depois casei com 17 anos. Estive emigrada em França e trabalhei nas limpezas. Agora também trabalho nas limpezas. Depois das limpezas é que venho para aqui. Quero aprender a ler e escrever, é por isso que vim para cá” (11/6/2001).

“O Senhor *Alberto* também teve uma trajetória escolar complicada, pois nunca frequentou a escola. Isso ficou a dever-se ao facto de ter começado a trabalhar com sete anos. Trabalhou nos curtumes, em Portugal, e quando emigrou para França esteve empregado numa fábrica de estofos, tendo regressado ao nosso país há uns anos. O Senhor *Alberto*, como não sabe ler nem escrever, inscreveu-se na alfabetização. Esta inscrição prende-se com a necessidade de conseguir ler as placas na estrada para saber que direcção deve tomar quando conduz sozinho: “Passava na estrada e não sabia ler as placas. Tinha que parar o carro para perguntar. Agora já consigo ler, mas ainda não consigo ler as placas porque só consigo ler devagar e o carro tem que andar depressa. A cabeça é que já não dá para muito, mas continuo a tentar a aprender alguma coisa” (Diário de Campo, 12/6/2001).

“A história de vida da D. *Alice* não destoa dos outros percursos vividos pelos seus colegas de alfabetização: «Não tive possibilidades de ir à escola. Foi sempre uma vida de muito trabalho. Aluguei quartos, fiz costura (...) trabalhei muito». A sua vinda para a Universidade da Cultura e do Lazer deve-a a uma amiga que lhe pediu para vir com ela: «Ela não vinha se eu não viesse. Então eu vim com ela». O que lhe interessa é aprender e escrever” (Diário de Campo, 12/6/2001).

“O Senhor *Alfredo* contou que esteve em África e que trabalhou em fazendas de café, mas com a guerra queimaram-lhe tudo. Então, mudou-se para a cidade e montou um negócio. Com o 25 de Abril teve que vir para Portugal, instalando-se na sua terra e tornando-se agricultor. Actualmente está viúvo e

encontra-se num lar. Quanto aos estudos nunca teve muita oportunidade para aprender grande coisa. Sabe escrever e ler, mas «mal e pouco» como ele referiu. Pretende aprender a escrever correctamente, principalmente “saber a pontuação”, foi esse objectivo que o fez inscrever-se. Referiu que também precisava de conviver porque sofreu um “esgotamento” e o médico aconselhou a “não pensar tanto e a distrair”. O Senhor *Alfredo* relatou que pensa muito na vida, no mundo e também na «escola». Por isso, o médico aconselhou-o a não pensar demais e, para o evitar, que convivesse. Mostrou-me o livro que já escreveu e publicou, assim como outros poemas (esses não se encontram publicados). Considera que agora “já é tarde para aprender muito mais”. Explicou-me que «O cérebro é como uma parabólica: às vezes capta, outras vezes não. Por isso, às vezes consigo escrever, outras vezes não» (Diário de Campo, 11/6/2001).

Como Bourdieu referiu, as expectativas e as escolhas são condicionadas pelas suas condições objectivas de vida, ou seja, a interiorização das suas condições objectivas de vida condiciona as suas escolhas como se constata na maioria destes casos concretos (cf. Capítulo III). A tónica comum em todas as histórias dos alfabetizandos, ou seja, a necessidade de começar a trabalhar desde muito cedo, por falta de condições objectivas para viver, condicionou as expectativas escolares e profissionais das suas famílias, assim como a possibilidade de frequentar a escola e ter acesso a uma outra profissão.

Mas ser “aluno/associado” não é para muitos dos associados da Universidade da Cultura e do Lazer a única forma de viver a reforma activamente. Ser “professor/orientador” também poderá tornar-se outro papel ao alcance para viver activamente a reforma.

Como já referimos na caracterização dos orientadores, mais de metade (5) dos nove formadores que responderam ao inquérito por questionário encontram-se em situação de reforma. O facto destes cinco inquiridos se encontrarem em situação de reforma pode ter contribuído para actualmente serem formadores nesta UTI. Um dos possíveis indicadores desta situação poderá ser a resposta à pergunta sobre as razões que os conduziram a serem formadores. De entre estes cinco reformados, três responderam

que desempenhavam este papel de formador(a) para “estarem activos” e “serem úteis”. Os outros dois referiram que eram formadores por “gostar de educar” e por ter “sido convidado”. É interessante verificar que os orientadores que ainda não estão reformados indicaram quase todos (três dos quatro orientadores) que estão nesta UIT por “uma questão de solidariedade e de voluntariado”. O outro formador não reformado referiu que tinha aceite esta responsabilidade porque “gosta de educar”. Portanto, os formadores que se encontram reformados estão nesta UTI para se sentirem úteis e estarem ocupados, razões que alguns dos associados também indicaram.

Estas razões também indiciam que a frequência da UTI pode dar sentido à vida, não só desempenhando o papel de “aluno/formando” mas também o de formador. Significa que esta instituição, ao acolher professores voluntários e ao permitir que formadores sejam também eles reformados e que possam acumular os dois papéis¹ – o de formador e o de formando – contribuiu para que os reformados tenham a possibilidade de encontrar um espaço em que lhes é dada a possibilidade de encontrar sentido à vida, na esteira de Phillipson (2000) e Cusack (2000), assim como de continuar a exercer actividades em que se sintam “úteis”.

Em conversas informais com alguns destes formadores em situação de reforma, a questão das razões de serem formadores foi igualmente focada. Nestas conversas ficou claramente expresso que a reforma foi vivida como uma ruptura e como um vazio de que nos fala Lenoir (1979) e que sentiram necessidade de arranjar um espaço alternativo à sua casa, assim como uma actividade que lhes permitisse continuar o seu

¹ Estas situações de acumulação dos dois papéis – de orientador e de associado – verifica-se, para além das situações da maioria das orientadoras da alfabetização (a excepção era da coordenadora da alfabetização que na altura da nossa investigação não frequentava nenhuma actividade cultural devido a problemas pessoais), no caso do orientador de cavaquinho, que frequenta como formando outras actividades culturais. Também alguns dos cooperantes que exercem cargos nos órgãos sociais da Universidade da Cultura e do Lazer desempenham o papel de orientadores.

trabalho profissional. Podemos encontrar na seguinte passagem do Diário de Campo um caso ilustrativo do que acabamos de expor:

“Fui pedir à Dra. Teresa para colaborar comigo na pesquisa e preencher o questionário, o que aceitou. Depois pareceu-me interessada em conversar. Perguntou-me se eu conhecia alguns Professores na UM, pois ela tirou o curso na Universidade Aberta e ia à UM esclarecer dúvidas. Então começou a relatar-me um pouco da sua história. Conclui o Curso quando já tinha 50. Antes tinha sido professora do ensino primário e resolveu tirar o curso superior já com esta idade para se preparar para a reforma porque queria fazer o que sempre gostou: estudar. A conclusão do curso superior coincidiu com a sua ida para a reforma. Sentiu um vazio muito grande porque já não tinha os filhos em casa e não tinha nada que a preenchesse em termos profissionais. Assim, pensou no que poderia fazer para alterar a sua situação e lembrou-se da Universidade da Cultura e do Lazer, à qual propôs dar aulas (...).E, assim, continua a realizar o que sempre gostou, ou seja, dar aulas e estudar. Já cá está há quatro anos. Rematou a nossa conversa afirmando que «Elas (as formandas) têm-me ajudado muito. Ajudamo-nos mutuamente»” (Diário de Campo, 18/11/2002).

Assim, a UTI² é encarada por alguns formadores como um meio de realização pessoal, e como um espaço, um local, como Phillipson (2000) referiu, propiciador do encontro com os outros e de sentido para a vida. Estes reformados sentem necessidade de se sentirem úteis, de estarem ocupados e de se sentirem realizados, como também referiram os “alunos/associados”.

Uma outra questão do inquérito, que pode contribuir para comprovar que também é possível ser orientador para viver a reforma de modo útil, é a questão se “Considera positiva a sua experiência nesta Universidade?”. Para além da resposta ter sido 100% afirmativa, o mais importante é analisar a justificação para este resultado. Assim, quatro formadores (dois deles reformados) indicaram que consideravam a sua experiência positiva nesta Universidade “Por ser um estímulo, por exercer uma actividade intelectual e poder reciclar o conhecimento”. Os outros três formadores (dois

² Em França surgiram associações de reformados que têm como fim possibilitar aos reformados continuar a desenvolver uma actividade profissional, por exemplo, como consultores. Essas associações são promovidas e geridas pelos próprios reformados. Em Portugal, as Universidades de Terceira Idade que analisámos também são na sua maioria geridas pelos próprios reformados e já começam a surgir, igualmente no seu seio, algumas que desenvolvem actividade de consultoria.

deles reformados), pelo seu lado, consideravam positiva a sua experiência “Porque continuo a trabalhar, e por realização pessoal”. As outras respostas dividiam-se equitativamente (um formador cada) entre o considerarem positiva a sua experiência nesta Universidade porque “os formandos demonstram interesse e dedicação” (um orientador ainda no activo) e porque “ajuda os formandos e é um estímulo” (um orientador reformado). Estas justificações, para fundamentar o porquê de considerarem positiva a sua experiência nesta UTI, também se articulam com a situação de reformado e a opção por um estilo de vida próximo ao da vida activa, satisfazendo a necessidade de se sentirem úteis e realizados pelo trabalho.

As dificuldades que indicam sentir no desenvolvimento das suas actividades parecem reforçar esta afirmação de que consideram positiva a sua experiência na Universidade. As dificuldades que salientaram foram: a articulação com os outros orientadores (três formadores), a conjugação com outras actividades que desenvolvem fora desta Universidade (três formadores), sendo a falta de recursos, a falta de motivação dos formandos e uma heterogeneidade de conhecimento por parte dos formandos as “falhas” apontadas por cada um dos restantes três orientadores. Quanto à relação interpessoal com os formandos ou com outros actores sociais ninguém indicou tal dificuldade. Relativamente à forma de funcionamento da UTI, o único aspecto que dois formadores referiram que gostariam de ver alterado foi a questão das instalações. A maioria dos orientadores (8) afirmou que gosta da forma como estão organizadas as actividades culturais. Os quatro formadores que fundamentaram a sua opinião fizeram-no diversificadamente apontando que gostam da organização das actividades culturais porque “são variadas e motivam os participantes”, “estão de acordo com os objectivos programados pela direcção”, porque “funcionam bem”, e porque “os orientadores têm liberdade para organizarem a sua actividade cultural”.

Esta UTI, assim como todas as outras que contactámos no nosso estudo exploratório, revelam os seguintes objectivos que vão de encontro aos desejos da maioria dos associados abrangidos pelo nosso estudo de caso: estudar e conviver, para evitar o envelhecimento e o isolamento, proporcionando um espaço em que possam reconstruir as suas identidades. Mas estes objectivos são também os princípios das teorias funcionalistas que fundamentaram as políticas da terceira idade em Portugal, concretamente a partir de 1976, como analisámos no capítulo II. Ou seja, conforme Guillemard (1980) chamou a atenção, os princípios da teoria da actividade vão de encontro aos desejos e representações que as classes médias têm da reforma e do modo como vivê-la e “elegem as suas práticas (das classes médias) na arte de bem viver a velhice. Estes novos enunciados políticos suscitam a sua adesão (das classes médias) (...). As representações da actividade e da cessação de actividade implicitamente contidos na visão activista da reforma são, elas também, conformes às representações destas novas camadas médias assalariadas” (Guillemard, 1980, p. 92, parêntesis da nossa autoria).

Para além destes objectivos estarem consignados nos estatutos, como já tivemos oportunidade de transcrever, constatámos que alguns dos responsáveis e orientadores da UTI manifestaram a sua defesa e promoção desses objectivos, como analisaremos seguidamente. Os diferentes excertos que apresentaremos reflectem os mesmos objectivos que os orientadores e os associados referiram, como anteriormente expusemos.

Retirado de um artigo da autoria de um orientador e membro da Direcção, o seguinte excerto, publicado numa revista da Universidade, revela o pensamento do autor

sobre o que é a “terceira idade” e o serviço que a Universidade da Cultura e do Lazer presta à dita terceira idade:

“Conceito (terceira idade) criado artificialmente há alguns anos, em que se considerava uma nova etapa da vida relacionada com o declínio de toda a actividade física e intelectual. Fixava-se, então, uma idade fisiológica, os 60 anos, como o início da chamada “TERCEIRA IDADE”. Não se compreende que assim pensassem os que aventaram essa ideia porque desde os tempos mais remotos são referidos homens e mulheres que, apesar da sua idade já avançada, ainda produziam mais e melhor que outros muito mais jovens. A história revela -nos homens que realizaram muito em idade avançada (...). (...) Assim, o título que atribuímos a este artigo (Terceira Idade) não está correcto: devíamos tê-lo rotulado de “Uma Nova Fase da Vida”. E no universo desta nova fase caberão todas as pessoas que, pelos motivos mais diversos, independentemente da sua idade, deixaram de ter uma actividade ocupacional regida por regras fixas pelo que necessitam de criar novas vias para se manterem sempre activas. O isolamento é a negação máxima do conceito de vida. Ninguém pode viver sozinho. O Homem é um animal social que precisa de conviver para manter sempre vivo o seu espírito, a boa disposição, a harmonia de viver. Alguém que viva afastado das outras pessoas, familiares e amigos, incorrerá no risco de se deprimir, chegando ao ponto de não ser capaz de reagir mesmo quando maltratado ou desrespeitado. (...) Qualquer homem ou mulher pode, de um momento para o outro, encontrar-se sozinho, independentemente da idade que tiver, esteja em actividade ou em ausência de produtividade não obrigacional, mas nunca se sentirá abandonado se procurar o convívio com outras pessoas. E nessa vivência poderá realizar variadas actividades, umas de interesse apenas individual outras de significado colectivo, que o deixarão plenamente satisfeito e orgulhoso de se sentir útil. A simples partilha de conhecimentos com os seus companheiros de momento ou a sua integração em grupos de trabalho ou de diversão serão suficientes para preencher o seu espírito impedindo que pensamentos menos positivos possam aflorar à sua mente. Há que, com a máxima urgência, quebrar esta atitude... E só a (Universidade da Cultura e do Lazer) ou uma entidade similar poderá ser a força capaz de impedir o evoluir dessa degradação. A (Universidade da Cultura e do Lazer) desenvolve a sua actividade em duas vertentes: a pedagógica e a social. O carácter pedagógico centra-se nas disciplinas que são ministradas e que estimulam o exercício mental, oferecendo aos seus discentes a possibilidade de recordar e ampliar conhecimentos aprendidos há muitos anos e adquirir outros em campos muitas vezes desconhecidos (...). No campo social, a faceta mais empolgante e sempre digna de realce é o convívio que desenvolve em toda a actividade da associação, quer na vertente pedagógica quer na vertente lúdica (...). Há, nesses momentos, como que uma transfiguração no rosto das pessoas. O seu comportamento, a sua maneira de conviver traduzem, com realismo, a satisfação de terem dado o passo certo em que se integraram na (Universidade da Cultura e do Lazer)” (Artigo da autoria de um orientador e membro da Direcção, Revista da Universidade da Cultura e do Lazer, 1998, pp. 32-33, parêntesis da nossa autoria).

Noutra revista da Universidade da Cultura e do Lazer, o editorial da autoria do Sr. Presidente da Direcção sintetiza o que analisámos sobre as razões porque frequentam a Universidade da Cultura e do Lazer muitos dos associados e alguns orientadores, como podemos constatar na seguinte passagem:

“O que os Associados da (Universidade da Cultura e do Lazer) procuram é um espaço ‘culturalmente nobre’ para se juntarem com outros indivíduos do mesmo nível etário e cultural

e, com eles, poder trocar conhecimentos, falando das coisas bonitas – e das coisas menos bonitas – da vida, do saber e da cultura. Livremente. No ritmo próprio de cada um. ‘Orientados’ por profissionais dignos, competentes e também eles interessados em contribuir para a difusão autodidacta do conhecimento. O que todos nós precisamos, é de um espaço onde possamos envelhecer com qualidade, mantendo a mente entretida com actividades dignas do nosso passado cultural e profissional, ajudando os outros a usufruir de uma melhor qualidade de vida física e mental. O que todos nós queremos, é poder ‘gozar’ um local onde as actividades culturais, sociais e lúdicas nos possibilitem continuar a ‘ser úteis’ e a mostrar a nós mesmos que ainda podemos fazer “coisas importantes” prolongando, até ao limite, a nossa capacidade de agir, de conviver, de aprender, de ensinar, enfim de continuar a viver, ‘gritando aos ventos’ que ‘velhos são os trapos’” (Presidente da Direcção, Revista da Universidade da Cultura e do Lazer, 1999, p. 7, parêntesis da nossa autoria).

O excerto seguinte traduz igualmente o que um cooperante e orientador pensam acerca das áreas principais de actuação desenvolvidas e dos objectivos pretendidos pela Universidade da Cultura e do Lazer ao longo da sua existência. A valorização da pessoa idosa e a necessidade de políticas adequadas à “terceira idade” são igualmente defendidas nesta passagem da palestra proferida por um orientador, por ocasião da comemoração de um aniversário da Universidade da Cultura e do Lazer:

“Em conclusão. A (Universidade da Cultura e do Lazer) nasceu e continua a crescer para dar resposta a um problema social fruto do aumento da longevidade, e do tempo livre. Acima de tudo a instituição tem procurado valorizar a riqueza humana e espiritual dos seus associados, pondo ao serviço de todos a experiência e saberes acumulados ao longo da vida de cada um. A (Universidade da Cultura e do Lazer) julga que pode favorecer um ‘envelhecimento activo’. Temos consciência que a pessoa idosa não pode aparecer como beneficiária de um sistema de segurança social, o que seria marginalizá-la. Há que reconhecer que a sua utilidade social não se perdeu, que ela é portadora de memórias, de um saber-fazer, de um capital humano, que urge aproveitar. Aliás, se bem pensarmos, teremos de reconhecer que são agentes de crescimento económico, pois constituem uma larga faixa etária consumidora de serviços (de saúde, de educação, de turismo, de moda). (...) A (Universidade da Cultura e do Lazer) pretende ser um espaço/tempo capaz de permitir a realização pessoal dos seus associados, em estreita solidariedade com os outros, e aberta à comunidade em que se insere. Constitui, no meu entender, um elo de uma cadeia mais vasta, vocacionada para a humanização da sociedade, para que o valor do “ser” se sobreponha ao do “ter”” (Revista da Universidade da Cultura e do Lazer, 2001, p. 129, parêntesis da nossa autoria para substituir o nome real da Universidade).

Nas transcrições anteriores, para além dos objectivos de ocupação do tempo de um modo activo que permita retardar o envelhecimento, verifica-se igualmente o desejo e o objectivo de valorizar a imagem dos reformados cortando com uma representação negativa, de decrepitude e de inutilidade. Através das suas actividades culturais, para

além dos benefícios individuais de auto-estima e de realização, entre outros, também demonstram que ainda têm capacidades, que as aprendizagens são possíveis, mesmo em idade mais avançada, contribuindo assim para alterar a representação negativa acerca das pessoas idosas, concretamente os estereótipos de que a partir de uma certa idade já não se aprende muito. Esta alteração da imagem do reformado e da velhice não se pretende unicamente pela participação nas actividades culturais mas, de igual modo, e principalmente, desenvolvendo actividades para outros públicos que não sejam os destinatários por excelência da UTI: - os reformados da classe média. Essas actividades culturais a que nos referimos são a Alfabetização e o Curso de Português para Estrangeiros. Portanto, prestando um serviço à comunidade também se valorizam, demonstrando que são úteis a toda uma sociedade em que se inserem, distanciando-se de uma imagem de velhice dos asilos e dos mais idosos que muitas vezes sofrem de senilidade ou de outras doenças limitadoras das suas capacidades.

Aliás, esta prestação de serviços à comunidade que visa distanciar-se de uma velhice pobre, inútil, doente e dependente, não se limita às actividades anteriormente mencionadas, mas pode configurar-se noutras mais pontuais, como, por exemplo, na actuação musical de um grupo de associados num lar de idosos, ocorrida em 7/5/2001.

Apesar de críticas que se podem tecer à UTI, concretamente ao seu carácter classista, não deixa de ser importante o facto de tentarem alterar as representações dos adultos idosos como, por exemplo, ao nível da capacidade de aprendizagem. Muitos dos estereótipos sobre os adultos idosos são traduzidos em ditados populares como “burro velho não aprende línguas”, o que revela uma representação negativa, depreciativa e discriminatória face aos adultos idosos em matéria de aprendizagem e que não corresponde à realidade (cf. capítulos I e III onde abordámos esta matéria).

A representação social valorizada dos adultos idosos como sujeitos autônomos, independentes, úteis e detentores das suas capacidades físicas e intelectuais, que é veiculada pela Universidade da Cultura e do Lazer, distancia-se das concepções sobre idosos de alguns trabalhadores sociais que prestam serviço em instituições de apoio a idosos mais velhos e mais frágeis, física e economicamente. Segundo Fernandes (1997), estas imagens que os trabalhadores sociais têm sobre as pessoas idosas incidem sobre o “isolamento físico, social e familiar” e sobre “carências ao nível material, de saúde, e afectivas”. Essas imagens traduzem “Exclusão e incapacidade” por parte dos idosos e são resultado “das intervenções particulares que protagoniza (o trabalhador social) junto das instituições de velhice, com idosos em situação precária. Estas imagens contribuem para a generalização de uma representação desta fase da vida” (Fernandes, 1997, p. 155, parêntesis da nossa autoria).